

A literatura como patrimônio

Cristiane Fernandes Tavares

Mestra em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.

E-mail: cftavares@hotmail.com

Si la literatura es verdaderamente um patrimonio, este patrimonio es, antes que nada, um patrimonio de debates, de trabajo interpretativo a propósito de la persona humana, de su sociabilidad, de la diversidad sociocultural, y de las posibilidades de uso de la lengua.

(JEAN PAUL BRONCKART, CITADO POR TERESA COLOMER)¹

Resumo: O relato refere-se a uma experiência vivenciada no 1º semestre de 2007, em um Projeto de Formação Continuada de Professores, no município de São Caetano do Sul, sob orientação do Projeto DICA (Didática, Informação, Cultura e Arte). A formadora Cristiane Fernandes Tavares, após abordar a importância das atividades permanentes de leitura de textos literários em sala de aula, com um grupo de cerca de 25 professoras da 2ª série (3º ano) do Ensino Fundamental I, reflete sobre as concepções reveladas por algumas docentes com relação às atividades de leitura literária e as contribuições proporcionadas pela formação. Conclui que a literatura, enquanto patrimônio da humanidade, precisa se tornar acessível a um maior número de pessoas, especialmente aos professores, acompanhada de uma reflexão crítica que desvende a língua em sua expressão artística e contribua para uma formação leitora complexa e integral dos alunos.

Palavras-chave: educação, formação de professores, leitura, literatura, leitor.

Abstract: Abstract: This report refers to an experience during the 1st semester of 2007 in the Project of Continuing Education for Teachers that is being practiced in the municipal district of São Caetano do Sul, under orientation of the Project DICA (Didactics, Information, Culture and Art). The educator, Cristiane Fernandes Tavares, after tackling the importance of literary texts reading as permanent classroom activity with a group of 25 teachers of the Basic Education 3rd year, reflects on the conceptions that some teachers revealed about the activities of literary reading and the contributions brought by the experience.

Keywords: education, teacher's formation, reading, literature, reader.

EXPERIÊNCIA

Recebido: 21/6/2007

Aprovado: 16/1/2008

Durante o mês de abril de 2007, a equipe do Projeto DICA – Didática, Informação, Cultura e Arte – e membros da Diretoria de Educação do município de São Caetano do Sul realizaram três encontros de formação com as

1. COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** la lectura literária em la escuela. México: FCE, 2005.

professoras das 2^{as} séries (3^o ano) das escolas recém-municipalizadas, com duas horas de duração cada um.

O Projeto DICA é um programa de formação responsável pela capacitação continuada de professores da rede municipal de São Caetano do Sul há seis anos consecutivos. No ano de 2007, o programa oferecia, entre suas estratégias formativas, encontros semanais de duas horas, com professores de Ensino Fundamental I, organizados por séries. Este relato registra a experiência vivida pelo grupo de professores das 2^{as} séries (3^{os} anos), integrantes de 10 escolas estaduais recém-incorporadas à rede municipal, que se dedicavam a estudar, naquele semestre, as atividades permanentes de leitura em sala de aula, mais especificamente a leitura em voz alta feita pelo professor, e a roda de biblioteca. Dentre alguns objetivos elencados como prioritários para esta ação formativa, três serão analisados neste artigo:

1. Instrumentalizar as professoras para realizarem atividades permanentes de leitura, de forma a poderem compreender a importância da continuidade dessas atividades na formação leitora das crianças.
2. Ampliar o repertório literário das professoras, bem como seus observáveis, para escolha de obras adequadas à faixa etária com a qual trabalham.
3. Propiciar experiências leitoras significativas que permitam às professoras relacionar seu processo leitor com o processo vivido pelas crianças, considerando as devidas especificidades de cada um deles.

Esses três objetivos listados mantêm estreita relação entre si, o que fica claro, principalmente, no terceiro deles. As experiências leitoras pessoais de cada professora – carregadas de história e em constante transformação – têm influência direta sobre a experiência leitora que proporcionarão aos seus alunos. A experiência, segundo o conceito aristotélico, “está integrada na estrutura do conhecimento e é uma apreensão singular”². Portanto, compondo a singularidade da experiência leitora de cada professora, estão suas incursões no universo da leitura e da literatura e os respectivos conceitos construídos até então.

Entende-se por experiência leitora não apenas o conhecimento adquirido através da prática – as atividades leitoras que experimentaram na vida escolar e acadêmica e o contato que tiveram com a literatura no âmbito familiar –, mas também as concepções que têm sobre o *ato de ler literatura*. É justamente por reconhecer a relação entre ambas as experiências leitoras – a do professor e a que este pretende proporcionar ao seu aluno – que os outros dois objetivos perseguidos são ampliar o repertório literário das professoras, bem como seus observáveis para a escolha de obras adequadas à faixa etária com a qual trabalham. Desse modo, pretende-se possibilitar, de fato, a realização de atividades permanentes de leitura, compreendendo a importância destas na formação leitora das crianças.

Ao longo destes três encontros, algumas estratégias formativas foram utilizadas para se tentar atingir estes objetivos. Comentarei três delas, de modo a compor uma reflexão a respeito da concepção revelada por algumas professoras com relação às atividades de leitura literária e das contribuições proporcionadas pela formação.

2. MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Madrid: Alianza Editorial, 1981. p. 1095.

A DIMENSÃO SOCIALIZADORA DA LITERATURA

Ler um texto literário para as professoras é um componente fixo nas pautas de nossos encontros de formação. Os textos são escolhidos criteriosamente, pois trata-se de uma oportunidade privilegiada de apresentar a escrita de um autor consagrado pela crítica, proporcionar a apreciação de um determinado gênero ou estilo literário, provocar uma experiência estética e afetiva singular, tocando em emoções particulares, e despertar reflexões, além de dividir algo precioso com o formador.

Este simples ato de compartilhar uma leitura literária com as professoras persegue os objetivos elencados no início deste relato, mas, sobretudo, resgata um aspecto da literatura pouco vivido por boa parte delas: a *dimensão socializadora*. Como destaca Colomer,

[...] compartilhar obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, possibilitando que cada um se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas³.

A leitura do texto *Os astrônomos*, de Graciliano Ramos, realizada no final do primeiro encontro de formação, é um bom exemplo. Trata-se de um dos capítulos do livro autobiográfico do autor, *Infância*⁴, cuja linguagem é considerada árida e pouco acessível por muitas professoras. O trecho escolhido narrava, justamente, uma rara situação de leitura compartilhada vivida pelo autor com seu pai durante a infância. Para manter o sentido principal do capítulo, foi selecionado um trecho relativamente extenso.

A leitura ao grupo de professoras se deu sem interrupções, exceto pelos risos tímidos e pelas expressões que revelavam forte envolvimento com o que se ouvia. Ao término, foram fornecidas mais informações sobre o livro e abriu-se um espaço para comentários. Uma professora comentou que tinha a obra em casa, mas nunca a pegara para ler, e que depois daquela leitura tinha sentido vontade de fazê-lo. Outra professora falou que a situação descrita no texto era a realidade da maioria dos seus alunos: têm pais que raramente ou nunca encontram tempo de ler com seus filhos. Seguiu-se breve conversa apreciativa e informal, tanto sobre a linguagem utilizada pelo autor quanto sobre o papel da família e da escola na formação leitora das crianças.

Naquele momento, vivíamos a dimensão socializadora da literatura, descrita por Colomer: começávamos a nos constituir como uma pequena comunidade de leitores. Não bastava abrir um espaço na pauta para a leitura de um texto literário; era preciso selecioná-lo com critérios estéticos e afetivos. Eu havia lido o livro nas férias e selecionado trechos que falavam sobre a experiência leitora do autor. Vivia, na época, um período dedicado à leitura de autobiografias de escritores; estava completamente tocada pelas experiências por eles narradas e pela poesia presente nas entrelinhas de suas histórias, e desejei compartilhar minhas descobertas e emoções com as professoras.

3. COLOMER, op. cit., p. 194.

4. RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. A editora Record lançou uma reedição revisada em 2003. [N.E.]

Ainda que aquela professora não leia, de fato, o livro todo de Graciliano Ramos depois desse encontro e que a atribuição do desinteresse das crianças pela leitura continue sendo feita, principalmente, à família – práticas e concepções que levam muito tempo para se transformar –, o fato de uma delas ter percebido maior possibilidade de acesso à escrita daquele autor e de outra ter conseguido estabelecer um diálogo entre o texto e sua prática educativa, já valeu os minutos dedicados à leitura literária! Como destaca a epígrafe do presente relato, a literatura é um patrimônio da humanidade e cabe a todos nós torná-la acessível ao maior número de pessoas, acompanhada de reflexão crítica que desvende a língua em sua expressão artística e revele-nos a nós mesmos.

DO ESFORÇO EM ATRIBUIR SENTIDO SURGE O PRAZER COMPENSADOR

A segunda estratégia formativa sobre a qual gostaria de relatar ocorreu, ainda, no primeiro encontro. Discutíamos os critérios e as considerações para seleção de livros a serem lidos em voz alta pelo professor aos seus alunos, e as professoras tinham como tarefa assinalar como verdadeiros ou falsos tais critérios e considerações apresentados. Algumas professoras marcaram como verdadeiras afirmações que eram falsas, segundo os objetivos que perseguíamos com a leitura em voz alta. São exemplos de critérios e considerações validadas pelas professoras:

- livros com várias ilustrações e de leitura fácil;
- livros sem palavras difíceis, que possam gerar dúvidas nos leitores infantis;
- livros que estejam a serviço de outros conteúdos.

As professoras argumentaram, justificando suas escolhas e revelando suas concepções sobre a leitura de textos literários na escola. O que se observou foi parcial conhecimento acerca das especificidades desse tipo de texto, bem como do espaço que deve ocupar na rotina escolar, uma vez que aparecera, prioritariamente, como um conteúdo a serviço de outros conteúdos. Além disso, verificou-se, ainda, a necessidade de ampliação das possibilidades escolares de tratamento desse tipo de texto junto aos alunos, e de movimentação de uma postura mais normativa para outra que incluísse maior foco nas propriedades artísticas e nas relações estético-afetivas que estabelece com seus leitores.

Em seguida às justificativas das professoras, contra-argumentadas por algumas colegas que discordavam, foram apresentadas novas justificativas para validar cada um dos critérios e das considerações, de acordo com os estudos mais recentes sobre a didática da leitura e da literatura. O levantamento das concepções das professoras, no entanto, mostrou-se fundamental para que a equipe de formadores replanejasse os encontros seguintes, voltando a tocar neste assunto com outras estratégias. Foi o que aconteceu no segundo encontro.

Ainda no primeiro encontro, vários títulos foram sugeridos para leitura em voz alta e, após quinze dias, cada uma das professoras deveria escolher um deles, ou algum outro de sua preferência, para ler a sua turma, seguindo os critérios discutidos.

No segundo encontro, comecei a tomar nota dos títulos escolhidos pelas professoras, ouvindo suas justificativas. Chamou a atenção o fato de as razões estarem apoiadas, principalmente, “no que as crianças iam gostar” (gostam de bruxas, de gigantes, de aventuras), com exceção das docentes que priorizaram a seleção de um gênero pouco conhecido pela turma, ou em razão de o autor possuir outros títulos para serem lidos posteriormente.

A não-apropriação imediata dos critérios para seleção de livros discutidos no primeiro encontro era esperada, pois sabemos que novos conceitos só são construídos à medida que novos paradigmas sobre o ensino e a aprendizagem são verdadeiramente aceitos e instaurados, e isso leva tempo. No entanto, o uso de um critério comum, pautado no gosto geral dos alunos, merece uma reflexão.

É possível que haja uma relação entre este critério e uma compreensão muito comum da função da leitura literária na escola, focada em concepção parcial a respeito do que venha a ser o *prazer leitor*. Ainda segundo Colomer, não podemos relacionar a leitura-prazer à idéia de que *a literatura, considerada um todo indivisível, não se pode ensinar, senão unicamente contagiar*, pois, nesse caso, limitaríamos o papel escolar ao de um simples convite, tornando difícil a progressão desse prazer. É preciso, ainda segundo a autora, *pensar em outros aspectos do prazer, tais como o obtido ao final de um esforço para dar sentido àquilo que não parecia tê-lo, ou que o tem em distintos níveis de profundidade*, de modo que os alunos necessitem não só de motivação para ler, como também de uma ajuda segura e sistematizada para realizar estas leituras.

Justificar a escolha dos títulos a serem lidos em voz alta pautando-se principalmente no gosto dos alunos revela, certamente, um desejo legítimo de provocar-lhes prazer e de contribuir para a construção do hábito leitor. Ao mesmo tempo, ler apenas o que os alunos gostam é privá-los da possibilidade de ampliar o leque do que podem vir a gostar e, ao mesmo tempo, subtrair da função do professor a seleção, a partir de critérios literários e didáticos específicos, das obras que efetivamente podem ajudar na formação leitora das crianças – ainda que estas, aparentemente, pareçam não ser tão atraentes, seja pela linguagem pouco usual, seja pelo conteúdo irreverente. São justamente estas obras que permitirão ao professor *ensinar o que fazer para entender um conjunto de obras cada vez mais amplo e complexo* – uma das funções da leitura literária na escola.

Para abordar o conceito de prazer leitor sob um enfoque mais profundo, foram levantadas orientações didáticas para a leitura em voz alta a ser realizada pelo professor e refletiu-se, ainda, sobre os ganhos que essa leitura proporcionaria aos alunos. Considerando que uma estratégia formativa pode se estender em mais de um encontro, esta será a terceira e última a ser comentada.

TORNAR DESEJÁVEL O ACESSO AO PATRIMÔNIO LITERÁRIO

No segundo encontro, ao listarmos as orientações didáticas para a leitura em voz alta a ser realizada pelo professor, atribuímos um tratamento específico ao texto literário, deixando claro que há conteúdos sendo ensinados durante a leitura desse tipo de texto. Por exemplo: o professor, atuando como modelo de leitor, estuda, antecipadamente, os *climas expressivos*⁵ da história a ser lida, preparando uma entonação adequada, cuidando do ritmo e prevendo pausas e silêncios que contribuem para a fruição leitora e para a construção do sentido. Essa orientação salientou para o grupo de professoras a necessidade de *estudar* o texto, antes de lê-lo para as crianças.

No terceiro encontro, retomamos as orientações; algumas professoras deram depoimentos entusiasmados sobre a leitura em voz alta realizada em suas turmas e todas foram convidadas a refletir sobre duas questões, baseadas na leitura anterior de um texto teórico. As questões eram:

- a) Como a leitura dos adultos influi no desejo de aprender da criança?
- b) Por que a interação com textos escritos afeta o desenvolvimento da linguagem das crianças?

As respostas a estas questões ajudaram a retomar os critérios que usamos para selecionar livros e a enfatizar a idéia de que há especificidades no texto literário que merecem espaço no currículo escolar.

Alguns trechos dos relatórios produzidos por estas professoras, ao final destes três encontros de formação, nos quais relatam a experiência de ler em voz alta um texto literário para seus alunos, revelam as aprendizagens construídas e o alcance progressivo dos objetivos propostos no início deste texto. É o caso da professora Alessandra Umbelino, que descreve em seu relato a importância de tornar permanente a leitura em voz alta feita pelo professor em sala de aula e o envolvimento dos alunos durante a mesma:

O momento de leitura direcionado e planejado com o auxílio do Projeto DICA foi muito enriquecedor, tanto para o professor quanto para os educandos. Foi um primeiro momento de leitura sistematizada, embasada e direcionada para objetivos claros e específicos. [...] Sempre contando com as orientações do DICA, fui realizando pequenos ajustes. O momento da leitura ficou mais constante, acontecendo três vezes por semana, no mínimo. Percebi que a maioria das crianças se interessou muito pela história *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes. Algumas guardaram o nome das personagens Raquel e do Galo Rei que “virou Afonso”. Crianças repetiam os sonhos das personagens e se divertiam muito durante a leitura de trechos de conflito. Quando eu parava a leitura, alguns alunos pediam para continuar, pois queriam saber o que ia acontecer. Nos dias que se seguiam, alguns alunos iam até a minha mesa perguntar se teria leitura.

Neste trecho do relato fica evidente a ampliação de sua experiência com os textos literários, a partir da leitura em voz alta feita em sala de aula e a compreensão do quanto é importante a frequência desta atividade para enrique-

5. Termo utilizado por Regina Machado em seu livro *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DFL, 2004.

cer a formação leitora das crianças e tornar desejável o acesso ao patrimônio literário.

Finalizado este primeiro bloco de três encontros, para falar sobre a leitura em voz alta de textos literários feita pelo professor, a equipe de formadores abordou outra atividade permanente de leitura: as rodas de biblioteca. Criaram-se, então, novas oportunidades de refletir sobre a literatura como patrimônio cultural e artístico, que deve ser tratada como tal nas instituições escolares, contribuindo para que o *prazer leitor* seja desfrutado de maneira cada vez mais elaborada por nossos professores e seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLOMER, Teresa. **Andar entre libros**: la lectura literária em la escuela. México: FCE, 2005.

MACHADO, Regina. **Acordais**: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DFL, 2004.

MORA, José Ferrater. **Diccionario de Filosofia**. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.